Dia 29 — São Eustásio, Abade de Luxeuil

São Eustásio, discípulo de São Columbano e seu imediato sucessor na famosa abadia de Luxeuil, era de uma das casas mais nobres da Borgonha. Nasceu para o fim do século sexto. Teve-se grande cuidado de sua educação, e correspondeu o fruto ao cultivo. Encarregou-se dela São Miet, tio de Eustásio e bispo de Langres, vendo a bela índole, o excelente engenho e a natural inclinação à virtude do devoto menino. Fez este grandes progressos, tanto nas letras humanas como na importante ciência da salvação, com o magistério de tão insigne mestre. A piedade que mostrava numa idade em que mal se conhece o que é religião deu a entender que não gozaria o mundo por muito tempo de um jovem do qual não era digno. Descobrindo Eustásio cada dia mais e mais os perigos do século, resolveu buscar no deserto o que não achava no tumulto do mundo; e, mostrando-se insensível às enganosas esperanças com que o lisonjeavam seu nobre nascimento e suas extraordinárias prendas, só pensava em retirar-se de tanto risco e embuste.

Havia dois ou três anos que Columbano, monge irlandês, havia passado à França, buscando naquele reino um deserto escondido onde, esquecendo-se de seus parentes e de sua pátria, pudesse contentar as fervorosas ânsias de passar a vida em rigorosa penitência. Retirado, pois, aos desertos dos montes Vosges, naquela parte da Borgonha que hoje se chama Franco-Condado, fundou o famoso mosteiro de Luxeuil, que por muitos séculos foi seminário de santos e onde desde seus princípios se contaram até seiscentos monges, cuja maior parte se fez venerar por sua eminente virtude e muitos também pelo dom dos milagres.

Foi Eustásio um dos primeiros que se alistaram sob a disciplina de São Columbano. Honrou muito o discípulo ao mestre. O amor à oração, a inclinação à penitência e o zelo pela observância fizeram-no desde logo respeitar como acabado modelo da perfeição religiosa. Seu exemplo inspirava fervor; e em pouco tempo se admirou vivamente copiada no novo mosteiro a santidade dos monges do Oriente. Não durou muito a calma. Ofendidos a rainha Brunilda e seu neto Teodorico, rei da Borgonha, do apostólico zelo com que São Columbano repreendia suas escandalosas desordens, lançaram-no fora do mosteiro de Luxeuil e quiseram obrigá-lo a que voltasse à Irlanda. Como Eustásio viu exposto o mosteiro às violências dos ministros de Teodorico, retirou-se com São Galo aos estados de Teodeberto, rei da Austrásia, que os tomou sob sua proteção.

Neste meio tempo havia-se já embarcado no porto de Nantes São Columbano por obedecer a Teodorico; mas uma tempestade o voltou a arrojar às costas da Bretanha. Conheceu então não ser vontade de Deus que voltasse a passar o mar; e, tendo notícia de quão bem haviam sido recebidos por Teodeberto, irmão de Teodorico, seus dois discípulos Eustásio e Galo, tomou o caminho da Austrásia.

À estima que o rei fazia dos discípulos corresponderam as demonstrações de amor com que recebeu o mestre. Deu-lhe a escolher o lugar que quisesse dentro de seus domínios. Aceitou o santo a oferta; e, levando consigo Eustásio e Galo, subiu pela corrente do Reno até a extremidade do lago de Constança, entrou no país dos suíços, que pertencia aos domínios de Teodeberto e, pregando em todas as partes a fé de Jesus Cristo, fez alto no território de Bregenz, onde fundou um mosteiro. Aqui teve notícia de que, tendo-se apoderado de uma parte do de Luxeuil alguns seculares, ameaçavam lançar dele todos os monges; aviso que o obrigou a enviar Eustásio a Luxeuil com o título de abade. Custou muito ao discípulo e ao mestre esta separação; mas ao fim era indispensável o doloroso sacrifício. Chegado a Luxeuil, nosso Eustásio soube ganhar de tal maneira o coração dos injustos usurpadores que o deixaram dono de todo o mosteiro.

Dedicou desde logo o novo abade toda a sua aplicação a renovar a disciplina monástica estabelecida por São Columbano; e, como exortava com o exemplo mais que com as palavras, em poucos dias reinou o fervor em toda a comunidade. Eram seus jejuns, suas vigílias e suas rigorosas penitências as lições mais eficazes com que instruía e às quais não era fácil resistir. A extraordinária caridade com que tratava todos os seus súditos; a admirável vigilância com que atendia a prevenir todas as suas necessidades espirituais e corporais; a suavidade de seu paternal governo, sua afabilidade e a urbaníssima cortesia com que recebia todos os seus irmãos, amando-os como a filhos e honrando-os como se fossem superiores seus; tudo isto, acompanhado de não sei que ar de santidade que se deixava ver em todas as suas ações, fê-lo tão dono dos corações de todos e granjeou tanta estima ao mosteiro de Luxeuil que de todas as partes concorriam a pôr-se sob a disciplina do santo abade, o qual logrou o consolo de ver em sua casa até seiscentos monges, cujos nomes quase todos se registram nos fastos sagrados da Igreja.

Tendo Clotário II unido numa só monarquia a Borgonha, a Austrásia e a França, por morte dos reis Teodeberto e Teodorico e de seus filhos, desejou ter dentro de seu reino São Columbano, o qual três anos antes lhe havia predito esta reunião da monarquia francesa. Com este intento enviou-lhe por deputado São Eustásio, convidando-o a que voltasse a seu antigo mosteiro de Luxeuil; mas Columbano, que acabava de fundar o mosteiro de Bobbio no Milanês, pela piedosa liberalidade de Agilulfo, rei dos lombardos, creu não ser vontade de Deus que saísse da Itália; e, bem informado de quanto florescia em Luxeuil a disciplina monástica, mandou ao santo abade que voltasse ao governo de seu mosteiro, dando-lhe novas instruções, com novos sinais de sua particular estima e ternura.

O vasto e apostólico zelo de Eustásio não podia estreitar-se dentro das paredes do mosteiro; e, tendo-o dotado o céu de singular eloquência e de extraordinário talento para a pregação, saiu a anunciar a palavra de Deus aos varascos e levou a luz do Evangelho até os bávaros, fazendo em todas as partes portentosas conversões. Irritado o demônio da guerra que Eustásio lhe fazia na Alemanha, como para distrair-lhe as forças, quis fazê-la a ele em Luxeuil e valeu-se da ambição de um mau monge para introduzir o relaxamento e arruinar a disciplina no exemplar mosteiro.

Havia tomado o hábito nele Agrestes ou Agrestino, secretário do rei Teodorico; e, chegando a sua notícia as maravilhas que obrava seu santo abade no exercício da pregação apostólica, levado de um espírito orgulhoso e parecendo-lhe que também ele poderia fazer ruído no mundo pelo mesmo caminho, deixou o deserto de que já estava enfastiado e, sem outra legítima missão que a de sua

vaidade, saiu a pregar aos gentios. Mas, como não correspondesse o fruto nem o aplauso ao que ele se havia figurado, cheio de confusão e de despeito precipitou-se no cisma de Aquileia. Tentou Eustásio reduzi-lo a seu dever, mas tropeçou com um gênio teimoso, inquieto e sedicioso, cuja pretensão não era menos que fazer condenar pelo concílio de Mâcon a regra de São Columbano e que se extinguisse o mosteiro de Luxeuil. Com efeito, apresentou ao concílio muitos capítulos de acusação contra a nova regra, notando-a de diferentes singularidades, mais próprias, dizia ele, para os irlandeses que toleráveis nos estilos e costumes da Igreja galicana. Passou ao concílio São Eustásio, refutou vigorosamente as calúnias de Agrestino, defendeu seu santo instituto e desenganou os padres que, por se acharem sinistramente instruídos, estavam preocupados a favor de seu adversário, e procurou reduzir ao aprisco esta ovelha desgarrada por todos os meios de brandura que lhe sugeriu seu amabilíssimo zelo; mas, cerrando Agrestino os ouvidos aos amorosos conselhos de seu abade, morreu desgraçadamente. Chorou-o Eustásio ternamente, como também a outros infelizes a quem este cismático havia seduzido; mas o Senhor o consolou abundantemente com a insigne virtude de outros discípulos seus, entre os quais se conta São Cagnoaldo, que foi depois bispo de Laon; São Omer, que o foi de Thérouanne; Santo Acário, que o foi de Noyon e de Tournai; Ragnacário, que o foi de Basileia; e outros muitos, cuja eminente santidade foi o maior elogio de nosso Eustásio, o qual, além disso, teve o consolo de ver estabelecido em seu mosteiro de Luxeuil um coro perpétuo de dia e de noite, pelo fervor de mais de seiscentos monges que, sucedendo-se continuamente uns aos outros, cantavam sem cessar louvores ao Senhor e conseguiam com suas orações mil bênçãos aos povos.

Por este tempo deu-lhe a entender o Senhor que estava próximo o fim de sua santa vida, e com este motivo dobrou o rigor de suas penitências com extraordinário fervor. No meio destes exercícios de mortificação e de virtude, assaltou-o uma violenta e dolorosa enfermidade. No mais vivo de suas agudíssimas dores ouviu uma voz que lhe dava a escolher: ou padecer por espaço de trinta dias sem o mais mínimo alívio, ou ser desde logo aliviado, mas não morrer senão depois de quarenta. O ardentíssimo desejo em que se abrasava de possuir quanto antes seu Deus no céu fez-lhe olhar a dilação que se lhe propunha como o mais cruel de todos os tormentos; e assim escolheu desde logo padecer mais e morrer quanto antes. Tendo, pois, passado trinta dias com indizíveis dores, cheio de merecimentos e dotado do dom de milagres, morreu em Luxeuil no ano de 625, perto dos sessenta de sua idade, dos quais havia passado mais de trinta no referido mosteiro. Foi enterrado nele solenemente e, depois de morto, acreditou o Senhor sua santidade com grande número de prodígios. Com o tempo foi trasladado seu santo corpo a Vergaville, na Lorena, na diocese de Metz, abadia de religiosas beneditinas, aonde concorre ainda inumerável povo que atrai a devoção a seu sepulcro.

Martirológio Romano

Na Pérsia, os santos mártires Jonas e Baraquisio, no tempo de Sapor, rei da Pérsia; a Jonas puseram-no numa prensa, onde o apertaram até quebrantar-lhe os ossos, e depois o serraram pela metade do corpo; a Baraquisio afogaram-no lançando-lhe pez ardente pela garganta.

Em Heliópolis, junto ao monte Líbano, São Cirilo, diácono e mártir, no tempo de Juliano, o Apóstata; a este santo abriram o ventre os gentios, tiraram-lhe o fígado e o comeram como bestas carniceiras.

Em Nicomédia, a paixão dos santos mártires Pastor, Vitorino e seus companheiros.

Na África, os santos confessores Armogasto, conde; Arquimimo, vizinho da cidade de Mascula; e Saturo, mordomo do palácio real; os quais, na perseguição dos vândalos, sendo rei Genserico, ariano, depois de padecer grandes tormentos e afrontas por confessar a verdade católica, acabaram gloriosamente a carreira de seus combates.

Na cidade de Asti, São Segundo, mártir.

No mosteiro de Luxeuil, Santo Eustásio, abade, discípulo de São Columbano; foi prelado de cerca de seiscentos monges e esclarecido pela santidade de sua vida e por seus milagres.

Missa (oração)

A missa é do domingo precedente, e a oração do santo é a que se segue.

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Eustasii abbatis commendet: ut quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur. Per Dominum nostrum...*

Português: Rogamo-vos, Senhor, que nos torne gratos à vossa majestade a poderosa intercessão do bem-aventurado abade Santo Eustásio, para que consigamos por seu patrocínio o que não podemos esperar de nossos méritos. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do apóstolo São Paulo aos Gálatas, capítulo 5.

Gálatas 5,19-21

> **Latim:** 19 Manifesta sunt autem opera carnis, quæ sunt fornicatio, immunditia, impudicitia, luxuria, 20 idolorum servitus, veneficia, inimicitiæ, contentiones, æmulationes, iræ, rixæ, dissensiones, sectæ, 21 invidiæ, homicidia, ebrietates,

> comessationes, et his similia, quæ prædico vobis, sicut prædixi : quoniam qui talia agunt, regnum Dei non consequentur.

Português: [19] Mas as obras da carne estão patentes: como são a fornicação, a impureza, a deshonestidade, a luxuria, [20] a idolatria, os empeçonhamentos, as inimizades, as contendas, os zelos, as iras, as brigas, as discordias, as seitas, [21] as invejas, os homicidios, as bebedices, as glotonerias, e outras cousas semelhantes, das quaes eu vos declaro, como já vos disse: que os que taes cousas commettem, não possuirão o reino de Deos.

Nota

«Eram os gálatas um povo da Ásia Menor, cujo país hoje se chama Quiangara [^1]. Havia-lhes pregado São Paulo a fé de Cristo, e a haviam abraçado com fervor; mas, como depois certos falsos apóstolos lhes ensinassem uma perniciosa doutrina, São Paulo escreveu-lhes esta carta de sua própria mão. É provável que a escrevesse desde Éfeso, no ano de 57.»

Reflexões

Manifesta sunt opera carnis, quæ sunt fornicatio, immunditia... æmulationes, et his similia... quoniam qui talia agunt, regnum Dei non consequentur.

Falemos claro: reputa-se hoje em dia a emulação por um grande pecado? Não obstante isso, São Paulo a agrega sem distinção ao cúmulo dos pecados mais enormes e declara indistintamente que todos os que forem manchados deles ficarão para sempre excluídos do reino dos céus. Sem embargo, a emulação reina em quase todos os corações. Mascarada, disfarçada, paliada, sabe introduzir-se até nos claustros mais religiosos, até nos homens mais espirituais, até nas almas que parecem mais timoratas; e, desde o ponto em que se insinua num coração, ó Deus, e que estragos não faz!

É a emulação uma inveja mitigada; não tem todo o seu fel, mas tem quase toda a sua malignidade. É um veneno, mas tão sutil, tão bem preparado, que mal se conhece quando obra. Não se explica nem naquelas aversões a rosto descoberto, nem naquelas grosseiras murmurações, nem naquelas invectivas impetuosas, nem naquelas tristezas escuras e picantes que não se podem dissimular: uma frieza muda, um risinho malicioso, um oculto menosprezo que se quer esconder e não deixa de transparecer, uma interpretação maligna até das ações mais inocentes; tudo isto dá sobejamente a conhecer o pouco que nos agrada e o muito que nos desagrada o mérito e as prendas que se celebram nos outros.

Os que vivem em comunidade ordinariamente estão cheios de emulação desde que começam a estar vazios de virtude. Os progressos dos demais tornam visíveis ou a desaplicação ou a inferioridade de talentos dos que seguem a mesma carreira com menos felicidade. As distinções mortificam os que presumem de iguais. Não agrada ver tão aplaudidos aqueles com quem se vive; o sobressalente de suas prendas nos dá no rosto. Aos que estão retirados inquieta qualquer ruído. As sombras servem para que ressaltem mais as cores; e neste sentido se teme servir de sombra que faça brilhar mais o esplendor dos outros. Por isso são tantos os que tendem a obscurecê-lo. Num ânimo generoso, num coração cristão pode a emulação servir de estímulo à virtude; mas numa alma baixa degenera em aversão e produz rancor e amargura.

Não quererias que o outro fizesse as coisas melhor que tu, porque conheces que não sabes fazê-las tão bem como ele. Um espírito apoucado e invejoso nada encontra que admirar; um coração grande e nobre quereria imitar tudo o que admira. Quando temos as mesmas obrigações que outros e estes as desempenham melhor, neste mesmo desempenho nos dão uma muda lição muito molesta, que instrui mais do que se quereria. Acha-se nela não sei que repreensão oculta, e nesta oculta repreensão certa verdade que amarga e humilha. Isto é o que põe de tão mau humor com os ajustados os imperfeitos.

O assombroso é que até aqueles que fazem profissão de virtuosos não estão isentos deste vício. Uma devoção superficial e pouco sólida alimenta grandes defeitos. Não reinando num coração a humildade, logo se apodera dele a emulação. Na verdade, nem sempre se introduz nele com este nome, porque seria muito mal recebida; o amor-próprio, com o qual sempre está de inteligência, empresta-lhe mil disfarces para encobrir-se.

Sente-se não sei que secreta aversão a certas pessoas que por sua exemplar virtude se distinguem mais do que se quereria. Diminui-se seu mérito; e, quando se fala dele, pretende-se reduzi-lo não mais que a uma mediania. Se se encontram outros que sejam da mesma opinião, quanto se os aplaude! Experimenta-se certa espécie de complacência quando se conhece que sua virtude não é do gosto nem da aprovação de todos. Que atenção em não olhá-la jamais pelo que tem de bom! Que viveza, que ardor em exagerar até seus menores descuidos! Que dureza, que inflexibilidade em dar-lhe quartel, em perdoar-lhe a mais mínima coisa! Os que não fazem muita vaidade de ser nem de parecer devotos dão a isto o nome próprio que lhe corresponde, chamando-o sem rebuço orgulho, emulação, paixão maligna. Mas os que se prezam de virtuosos o batizam, quando muito, com o nome de indiferença ou de antipatia. Coisa estranha! Julga-se com paixão, acrimina-se com dureza, condena-se sem piedade o que muitíssimas vezes é muito louvável; e isto se qualifica de zelo, de caridade, de fervorosa devoção. *Non est ista sapientia desursum descendens; sed terrena, animalis, diabolica* [^2], diz o apóstolo Tiago. Esta não é prudência que desce do céu, mas uma prudência terrestre, animal, diabólica; é uma emulação avinagrada e acre, que pretende ocultar-se a favor de uma devoção aparente. Mas tende presente, acrescenta o mesmo apóstolo, que onde há emulação não pode haver devoção verdadeira, mas inconstância, veneno e malignidade: *Ubi enim zelus et contentio, ibi inconstantia, et omne opus pravum* [^4].

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus, o mesmo do dia 21.

Mateus 19,27-29

> **Latim:** [27] Tunc respondens Petrus, dixit ei : Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? [28] Jesus autem dixit illis : Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. [29] Et omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores, aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.

Português: [27] Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis-aqui estamos nós que deixámos tudo, e te seguimos: que galardão pois será o nosso? [28] E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo, que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no throno da sua gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thrones, e julgareis as doze tribus d'Israel. [29] E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãas, ou a pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna.

Meditação

Da oração [^3]

Primeiro ponto

Considera que a oração, falando propriamente, é uma sagrada conversação da alma com Deus; fala a Deus confidencialmente, e Deus, com dignação infinita, fala confidencialmente com ela. A favor de uma puríssima e benéfica luz contempla a alma na oração as incompreensíveis e infinitas perfeições de seu Deus; expõe-lhe suas necessidades como a seu amoroso pai; declara-lhe suas enfermidades espirituais como a seu onipotente médico; e Deus a ilumina, a alenta, a consola, a fortalece e a cura. Neste espiritual comércio a alma se sustenta da palavra de Deus interior; nele acha armas para domar as paixões, para triunfar de seus inimigos, para prevenir seus malignos artifícios, para descobrir seus insidiosos laços. Enfim, na oração se nos fazem patentes nossas obrigações, e neste santo exercício se recebem da misericórdia de Deus as graças oportunas para cumprir com elas. O claro conhecimento que tiveram os santos das grandes excelências da meditação obrigou-os a dizer que era muito dificultoso ser verdadeiramente cristão sem a salutar prática da oração; e ainda muito mais dificultoso fazer-se santo sem este admirável exercício. Que erro o daqueles (são verdadeiramente muitos) que consideram a oração como própria unicamente

dos claustros! Algum dia conhecerão que era um auxílio, uma devoção, um exercício quase indispensável a todo cristão.

Segundo ponto

Considera que a origem mais comum da desordem dos costumes no mundo e do relaxamento no estado religioso é o desamor, o tédio com que se olha a meditação. Falar de oração a um secular, a uma mulher do mundo, é algaravia, é falar em grego. À só palavra meditação se assusta e até se inquieta uma alma dissipada, um coração dissoluto. Desta aversão à oração nasce aquela lastimosa cegueira em que se vive, aquela depravação de costumes que, à guisa de torrente, inunda toda a terra. *Non est qui recogitet corde*, diz o Profeta: não há no mundo quem medite, quem reflita sobre aquilo mesmo que crê. As verdades mais importantes da religião, uma morte inevitável, um juízo terrível, o inferno, a glória, são para a maior parte dos mundanos objetos desconhecidos; entendem estas verdades, pouco mais ou menos, como os ignorantes e o povo grosseiro compreendem as proposições da álgebra. Pois de que nos admiramos, se, faltando estes diques, é tão furiosa, é tão universal a inundação? Desterrada uma vez a reflexão destas terríveis verdades, correm sem freio as paixões; e daqui nasce a corrupção geral no mundo.

O mesmo, em proporção, se pode dizer do relaxamento das pessoas religiosas. Perdendo o gosto à oração, fica achacosa a alma. Se ao desgosto se segue a indiferença, e a esta o abandono daquele santo exercício, que meios, que armas restam já ao pobre religioso contra tantos inimigos como o combatem? Os religiosos que deixam a oração começam a cobrar tédio a seu estado, faz-se-lhes insuportável seu jugo e ao cabo param muitos na infelicidade de abandoná-lo.

Ó Senhor, e que dor é a minha por haver feito até aqui tão pouco apreço de uma obrigação tão indispensável e de um meio tão eficaz como necessário! Resolvido estou, mediante vossa divina graça, a reparar daqui em diante o muito que perdi por minha tibieza e por meu relaxamento.

Jaculatórias

> *In meditatione mea exardescet ignis.* Sl 38.

Na fornalha da meditação se avivará em mim o fogo de vosso santo amor, ó Deus e Senhor meu.

> *Dirigatur oratio mea sicut incensum in conspectu tuo.* Sl 140.

Suba, Senhor, a vós minha oração como incenso de bom odor.

Propósitos

1. O que sabe orar como se deve sabe viver como se deve, diz Santo Agostinho. E nunca te esqueças do que acrescenta São Boaventura: que sem a oração toda devoção é árida, imperfeita e está muito próxima de extinguir-se. Dissipa-se o fervor, desmaia o alento, cessa a perseverança e precipita-se a alma na última miséria. Forma desde logo uma generosa resolução de que não se passe dia algum de tua vida sem cumprir fiel e exatamente com a indispensável obrigação de tão santo exercício; determina o tempo e a hora que hás de ocupar nele, sem cercear jamais um só momento.

2. Nunca te contentes com uma meditação puramente especulativa; toda boa oração deve ser prática, isto é, há de consistir em consideração e em ação. Na oração hás de contemplar as grandes verdades de nossa religião, as obrigações de teu estado, de tua condição, de teu emprego; mas não pares em mera contemplação, aplica a maior parte do tempo a considerar como deves proceder conforme a estas regras de conduta e forma o plano da que deves observar aquele dia no mesmo exercício da oração.

[^1]: Grafia do original (“Chiangara”). [^2]: Tg 3. [^3]: O título da meditação não consta do texto reconhecido pelo OCR; foi suprido pelo assunto. [^4]: Tg 3,16.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:30 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:30 by Admin